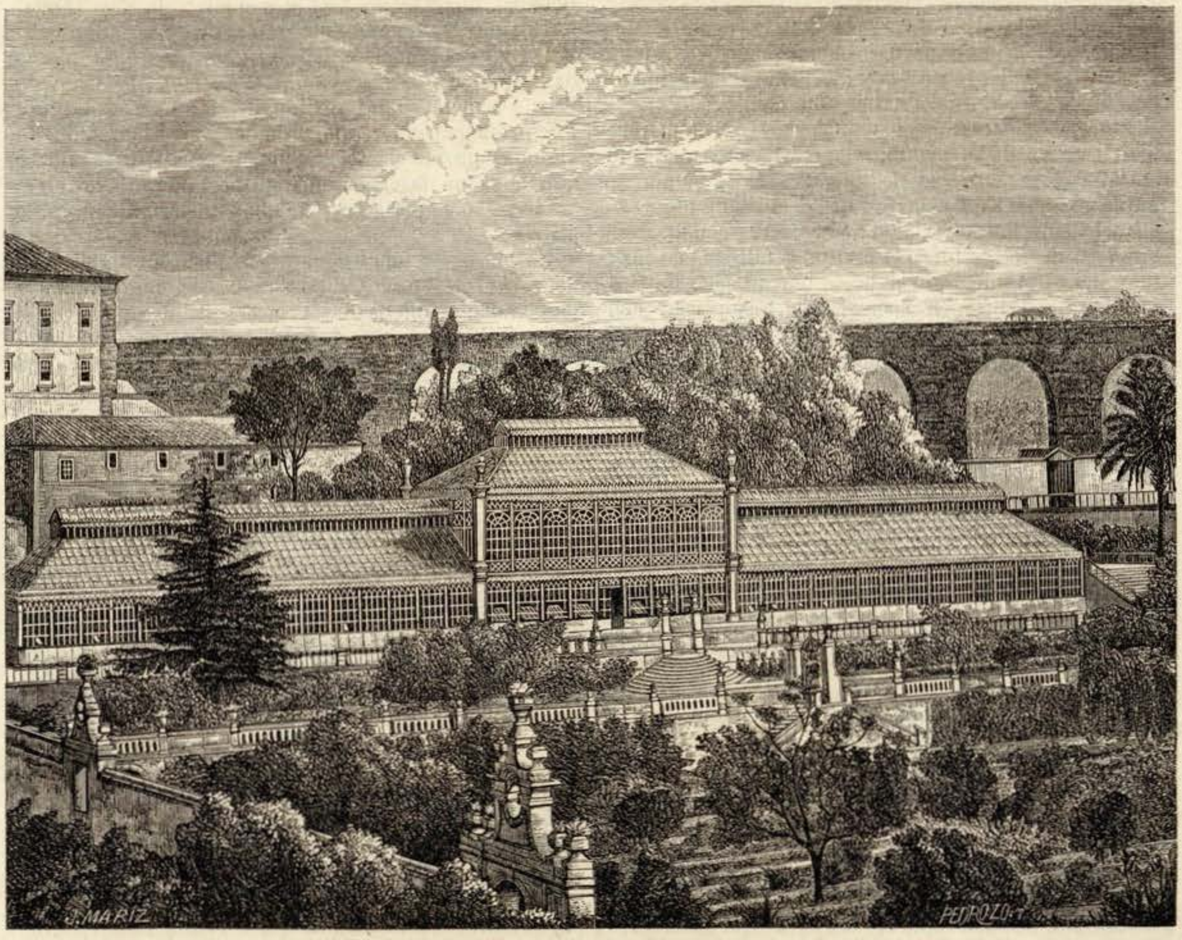


Jardim botanico de Coimbra; aqueducto del-rei D. Sebastião; edificio do collegio de S. Bento

COIMBRA

O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE

(Conclusão. Vid. pag. 361)

Não podémos averiguar se na construcção do jardim se abandonou, alterou ou seguiu o plano delineado pelos lentes italianos; o que é, porém, certo é que a obra não se limitou a um *pequeno recinto cercado de muros*, como o marquez de Pombal recommendava, e que, muito pelo contrario, foi construida com a magnificencia e fausto que hoje admirâmos.

Se para o esplendor d'este estabelecimento concorreu por um lado o desvelo do reitor D. Francisco de Lemos, na sua parte material, por outro não concorreu menos o cuidado que poz na sua boa organisação scientifica o nosso distincto botanico Felix de Avellar Brotero.

A principio a botanica fazia parte da cadeira de historia natural, que foi regida por Domingos Vandelli, um dos mais profundos naturalistas da Italia, mas no reinado de D. Maria I ordenou-se a creação de uma cadeira especial de botanica e agricultura, para a qual foi nomeado professor o nosso Brotero, que gozava grande reputação, e havia grangeado a estima e acatamento dos mais distinctos sabios estrangeiros pelos seus vastos conhecimentos botanicos, adquiridos em longinquas peregrinações scientificas.

Nomeado Brotero lente de botanica e agricultura, foi tambem encarregado da organisação do jardim, que apenas estava começado. Incançavel no desempenho da sua missão, o illustre professor aproveitava o tempo que lhe restava da regencia da sua cadeira fazendo excursões de herborisação por todo o reino, sendo resultado d'ellas o enriquecer-se o jardim com uma copiosa collecção de plantas indigenas, muitas d'ellas até então desconhecidas ou mal observadas [1]. Foi tal o cuidado com que Brotero ordenou esta vasta republica de vegetaes, que o celebre botanico allemão Link achou o jardim digno dos seus elogios, dizendo que nenhum amador de historia natural o visitará sem fructo e sem prazer [2].

Entre as plantas que povoavam este jardim na sua fundação, e que ainda alli estão dando testimunho da benignidade do nosso clima, admiram-se duas *araucarias brasilienses* ou *brasilicas*, muito notaveis por suas proporções gigantescas, por seu porte elegante, e, em fim, por seu viço e formosura. Foram as primeiras araucarias introduzidas em o nosso paiz. Mais de sessenta annos depois é que as araucarias começaram a vulgarisar-se entre nós. Tambem merecem particularisar-se duas araucarias excelsas que ador-

1 De uma biographia de Brotero, publicada no vol. III do *Universo Pittoresco*, extractâmos o seguinte curioso caso, succedido ao celebre botanico em uma das suas digressões scientificas: «Discorrendo pela provincia do Alemtejo, onde procurava conhecer com a mais escrupulosa e miuda investigação as plantas naturaes d'aquella provincia, foi visto por varios camponezes andar n'estas diligencias, os quaes, tomando-o por um feiticeiro que andava escolhendo hervas para os seus maleficios, lançaram-se sobre elle, prenderam-n'o, e, muito triumphantes pela sua victoria, o conduziram, felizmente, á villa de Souzel, que fica proxima, cujo juiz de fóra immediatamente o soltou.»

2 Vid. *Voyage en Portugal*, por M. Link, tomo I, pag. 389.

nam desde alguns annos a flora do jardim. Uma d'ellas foi dadiva de sua magestade el-rei o sr. D. Fernando, e outra do sr. marquez de Sousa Holstein.

O jardim botanico, principiado tão auspiciosamente, e elevado pelo sabio Brotero a grande regularidade e perfeição, tem tido posteriormente consideravel augmento em extensão e magnificencia, principalmente durante a direcção do sr. dr. Couto.

Entre os melhoramentos modernos que tem recebido este estabelecimento, nota-se como o mais importante a construcção de uma grandiosa estufa, ha muito exigida para a perfeição do ensino e progresso da sciencia. Foi principiada em 1859, sendo a sua armação de ferro, fundida parte nas fabricas do instituto industrial de Lisboa, parte na fundição de Massarellos, no Porto. É formada de tres corpos contiguos, e assenta vistosamente sobre um dos taboleiros que, collocados em planos differentes e como que postos em amphitheatro, constituem a parte mais consideravel do jardim.

Esta soberba estufa, tanto pelas suas dimensões como pela sua elegancia, não tem no paiz outra que se lhe avantaje. A gravura que acompanha este artigo, executada pelo sr. Pedroso, segundo o desenho do sr. Joaquim de Mariz Junior, dá uma perfeita idéa d'esta formosa peça.

Pelo que respeita ás plantas que encerra, com quanto não esteja ainda completamente povoada, contém já muitas especies preciosas, principalmente na parte que fica á direita quando se entra. Ahi se admiram lindissimas palmeiras, algumas raras cycadeas e pandaneas, muitas plantas industriaes, como, por exemplo, a stillingia cerifera, a arvore da cera do Japão, o caféeiro, a muscadeira, um numero consideravel de arvores fructiferas dos tropicos, e muitos outros vegetaes que se distinguem pelas suas lindas flores ou pela sua bella folhagem.

Grande parte das plantas da estufa foi offerecida por alguns cavalheiros da ilha de S. Miguel, entre outros os srs. José do Canto e A. Borges da Camara, e tambem pelo sabio director do jardim das plantas de Paris.

É de justiça confessar que a boa disposição e aperfeiçoada cultura das plantas que enriquecem a estufa, e em geral os notaveis progressos que ultimamente tem feito o jardim botanico, se devem em grande parte ao sr. Edmond Goeze, habil jardineiro allemão, que desde 1866 está empregado n'este estabelecimento. Zeloso no cumprimento dos seus deveres, e reunindo aos seus conhecimentos theoricos uma pratica esclarecida e muito gosto de jardinagem, o sr. Goeze tem dado um tão notavel desenvolvimento ao jardim, que o publico admira todos os dias que o frequenta o seu progressivo melhoramento e cultura.

Pouco depois da sua vinda para Coimbra, fez o sr. Goeze, por determinação da faculdade de philosophia, uma viagem á ilha de S. Miguel, onde obteve para o jardim uma numerosa collecção de plantas raras. Mais de 2:000 é o numero das especies d'esta preciosa collecção, offerecida generosa e espontaneamente á universidade pelos srs. José do Canto, Borges da Camara, José Jacome e outros distinctos cavalheiros, que abriram os seus jardins ao sr. Goeze, facultando-lhe a livre escolha dos mais bellos exemplares. Talvez possamos dizer sem errar, que, depois d'estas valiosas acquisições, o numero das plantas do jardim tem triplicado [1].

[1] No *Index Plantarum in Horto-Botanico Conimbricensi cultorum anno* MCCCLII, publicado pelo sr. dr. Antonino José Rodrigues Vidal, vem mencionadas apenas 1:255 especies.

As plantas do jardim estão divididas em diversas escholas: a mais antiga, que é a de Linneo, está collocada no plano inferior, contiguo á cêrca de S. Bento; a mais moderna é a eschola pelo methodo natural de Endlicher, e está situada nos terraplenos superiores do lado do nascente. Ha ainda outra eschola de plantas medicinaes, que serve para uso da faculdade de medicina, e occupa os terraplenos do lado do sul, visinhos do collegio de S. José.

Modernamente construiu-se uma pequena estufa de reproducção, na qual se tem conseguido reproduzir milhares de plantas, e muitas de grande valor. O dr. Hooker, director do jardim botanico de Kew (Inglaterra), enviou no anno passado para o nosso de Coimbra algumas sementes da *cinchona officinalis* (planta da quina) e do *myroxilon peruiferum* (balsamo do Peru), sementes que vieram directamente de Ceylão. Das primeiras obtiveram-se já cêrca de 100 plantas, e algumas duzias das segundas. Disse-nos o sr. Goeze que tenciona fazer ensaios de acclimação com estas arvores tão importantes, mandando-as para as nossas colonias.

Na mesma estufa se admira tambem uma collecção de *orchideas epiphites* do Brasil, de muito mimo e merecimento, offerecidas pelo sr. dr. Bocage.

Ao lado da estufa de reproducção está uma outra destinada para a cultura dos ananazes. Ahi existe uma grande quantidade d'elles, que vegetam com mui notavel vigor.

Ha pouco recebeu o sr. Goeze algumas plantas preciosas e sementes do famoso jardim botanico de Kew, e está auctorisado para mandar vir da Belgica e da França algumas boas collecções. Plantou já este anno mais de 100 variedades de acacias da Nova Hollanda, e procede á plantação de outras especies, em quanto a estação o permittir.

Fazemos votos para que o sr. Goeze continue n'este estabelecimento, pois que as pessoas competentes são unanimes em dizer e reconhecer que o jardim, sob a sua illustrada direcção, póde vir a ser um dos principaes da Europa.

Na cêrca de S. Bento annexa ao jardim botanico, destinada para a arboricultura, pomologia, horticultura e praticultura, tem-se realisado grandes melhoramentos ha dois mezes a esta parte. Já se plantaram mais de 600 variedades de arvores fructiferas, avultando principalmente um pomar, contendo uma variada e escolhida collecção de pereiras, maceiras e pecegueiros, vinda de França, e abundantes viveiros de estacas de fruteiras portuguezas e francezas.

N'estes melhoramentos tem prestado o sr. Borges da Camara os mais assignalados serviços, não só dirigindo pessoalmente os trabalhos, mas mandando vir á sua custa de Paris e da ilha de S. Miguel preciosas collecções de plantas.

Mr. Olivier Merson, que viajou em Portugal e visitou este jardim, descreveu-o nas seguintes linhas, que se acham publicadas no excellente jornal de viagens *Le Tour du Monde*, de 1861, a pag. 302, e que vamos traduzir para aqui, por nos parecer insuspeito o testimunho do auctor:

«Tem grande belleza este jardim. Como encaixilhado pelos conventos de S. Bento, do Carmo e das religiosas de Sant'Anna, pelo seminario episcopal, observatorio astronomico da universidade, e pelo aqueducto, que abastece de agua o bairro alto da cidade; aformoseado com extensos terrados, estufas monumentaes, e escadarias espaçosas e commodas; assombrado de arvores soberbas, de palmeiras que baloiçam brandamente no ar, embalsamado de perfumes, a graciosa cupula de sua folhagem; povoado de arbustos e plantas, specimens raros e encantadores das floras da Africa, da America e da Asia, este estabelecimento encheria de gloria e de orgulho a mais vaidosa e altiva das nossas cidades de França. E como se ainda não bastassem para enlevo do passeiante todas estas maravilhas, que tem diante dos olhos, que póde tocar com a mão, o jardim patenteia-lhe o Mondego em grande painel, deixando-lhe admirar a sua corrente tranquilla e magestosa, e, na margem d'além, orlada de areias doiradas, ferteis planicies, collinas matizadas de vinhas e oliveiras, os conventos de S. Francisco e de Santa Clara, em fim, uma multidão de ha-

bitações, onde os fidalgos de alta e mediana nobreza, bem como a burguezia ociosa, vae passar os mezes de uma indolente estação campestre.»

Augusto Mendes Simões de Castro.

A QUARESMA

Parece que certos numeros foram em todos os tempos consagrados pelo respeito dos povos. O numero *quarenta* está n'este caso.

O diluvio universal durou quarenta dias. Os hebreus vagabundearam quarenta annos antes de entrar na terra da promissão. Moysés jejuou quarenta dias na montanha. Elias esteve no deserto por espaço de quarenta dias. A penitencia que Jonas infligiu aos ninivitas foi de quarenta dias.

Foi em commemoração d'estas occorrencias, como tem dito alguns auctores, que os christãos instituiram a quaresma, que tambem dura quarenta dias? Póde-se duvidar, e o mais provavel é que esta longa abstinencia seja uma imitação da que teve Jesus Christo quando se preparou para a sua dolorosa missão.

«Jesus, disse S. Matheus, jejuou quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. *Postea esuriit.*»

A instituição da quaresma, segundo alguns, vem dos apostolos. A prova que se dá é que a egreja não estabeleceu nenhuma lei a esse respeito, e apenas regulou a observancia do uso. Isto poderia tambem provar que anteriormente não houve lei alguma que determinasse a quaresma, porém que foi sómente o uso que a determinou? Por que se não cita o decreto dos apostolos que serviu de base ás disposições regulamentares?

Outros attribuem a instituição da quaresma ao papa Telesphoro, morto em 154, papa que ordenou que na vigilia do Natal se celebrasse a missa á meia-noite, para commemorar precisamente a hora em que nascêra o Filho de Deus.

A observancia da quaresma não consistia então unicamente na absoluta abstinencia de certos alimentos; exigia tambem que só depois do sol posto se usassem dos alimentos permittidos.

Mas esta pratica, assim como muitas outras que d'elles seguimos, procede evidentemente dos judeus. Era com a abstinencia que os judeus expiavam as más acções, como com a abstinencia se preparavam para os grandes commettimentos. Judith, antes de cortar a cabeça a Holophernes; Esther, antes de pedir ao augusto marido que mandasse enforcar um ministro; o moço Tobias, antes de succeder aos sete maridos que o antecederam no leito da filha de Raguel, todos estes personagens biblicos prepararam-se com a abstinencia para actos tão singulares.

O jejum foi muitas vezes ordenado por Moysés, que, fallando verdade, devia encontrar algumas difficuldades em alimentar o povo no deserto. O jejum tambem foi determinado pelos prophetas. Parece que esta especie de privação era a maior penitencia que podiam impor aos judeus, povo carnal. Queriam alimentar-lhes as esperanças, promettiam-lhes a terra regada de leite e mel. Queriam reprimir-lhes as murmurações, ameaçavam-n'os com a miseria. O propheta Joel, depois de ter feito medonha descripção das calamidades que ameaçavam Sião em castigo de seus peccados, depois de dizer que o gafanhoto comeria o que ficasse da lagarta, o brugo comeria o que ficasse do gafanhoto, e a pennugem comeria o que ficasse do brugo, acabou com estas palavras: *Omnes vultus redigentur in ollam*, e todos os semblantes se tornarão taes como uma panella; em consequencia do que elle pediu aos sacerdotes que jejuassem: *Sanctificate jejunium.*

Ha tambem alguns auctores que affirmam que a quaresma foi instituida por S. Pedro, e que o papa Telesphoro, acima citado, apenas restaurou o jejum, que já encontrára prescripto pelo primeiro chefe da egreja de Jesus Christo.

A observancia da quaresma parece ter sido facultativa nos primeiros tempos da egreja. Mas logo que a auctoridade espiritual a tornou obrigatoria, a auctoridade temporal em breve a prescreveu tambem. Em 789, por exemplo, Carlos Magno mandou applicar a pena de morte contra todo aquelle que infringisse sem dispensa a lei da quaresma. Era demasiadamente rigorosa; mas é certo que esta lei se executou.

A disciplina foi insensivelmente, com o correr dos tempos, sendo menos severa. Ao passo que a civilisação progredia, os tribunaes civis foram reconhecendo que não tinham direito de se envolver em assumptos que não deviam sair do tribunal da penitencia.

Antes d'isso a auctoridade ecclesiastica tivera, digase com franqueza, alguma condescendencia para com a fragilidade humana, já concedendo dispensa para tornar gordos certos dias da semana; já limitando para cada dia a duração do jejum.

Os mahometanos tem egualmente suas abstinencias, que praticam ás vezes commodamente. O *ramadan*, mez em que o Alcorão foi trazido do ceo, é dedicado por elles á mais austera abstinencia; o jejum deve começar todos os dias desde o momento *em que possam distinguir um fio branco de um fio preto*, diz o propheta; ou antes, com o nascer do dia, para so acabar á noite.

Que fazem, porém, os que desejam conciliar a pratica da lei com a exigencia do appetite?

Fazem do dia noite; dormem desde o nascer até o pôr do sol, e banqueteiam-se desde o pôr até o nascer do sol.

O uso do vinho, do leite e dos ovos foi originariamente prohibido na quaresma; mas, desde o seculo XVIII, tal prohibição não se observou; e, em consequencia d'isso, provavelmente, é que os prelados das differentes dioceses se decidiram a auctorisar todas as quaresmas o uso d'aquelles alimentos, e sobre tudo dos ovos, por meio de uma pastoral que satisfaz todos e apparece quasi sempre antes do carnaval.

Os graus de abstinencia, no tempo da primitiva egreja, eram diversos. «Uns, diz Fleury, observavam a homophagia, isto é, não comiam nada cozido; outros a xerophagia, isto é, limitavam-se ás comidas sêccas, abstendo-se não só da carne e do vinho, mas dos fructos vinosos e succulentos, comendo só com o pão nozes, amendoas, tamaras e outros fructos d'esta especie. Outros ainda contentavam-se com pão e agua.»

Os anachoretas, os padres do deserto, observavam a quaresma com uma austeridade ainda maior, e que parecia dever ser incompativel com as forças humanas. S. Macario de Alexandria passava-a, segundo dizem, desde o principio ao fim, sem dormir, sem beber, e sem comer senão uma folha de couve crua aos domingos. Santa Maria a Egypcia foi mais exaggerada: não comia coisa alguma durante a quaresma, que passava no deserto, e por isso o seu director Zozimo a encontrava na Paschoa um tanto mudada.

Em economia politica a quaresma não é sem utilidade. Consome-se menos carne, porém gasta-se mais peixe. Augmenta por isso o valor dos gorazes, dos salmões e dos pargos, o que é em beneficio dos pescadores e dos vendedores do pescado, cujo commercio só é verdadeiramente importante durante a quaresma.

Diz a historia ecclesiastica que os primeiros christãos jejuavam todo o anno, e que a lei da quaresma fôra unicamente estabelecida para os fracos.

Erasmo, que era, sem dúvida, tão bom christão como homem chistoso, não achava sufficiente essa concessão. Observava por isso com pouca regularidade

a quaresma, e respondia aos que o censuravam. — «Saibam que a minha alma é catholica, mas que o meu estomago é protestante.»

O papa Nicolau prohibiu aos bulgarios fazerem a guerra durante a quaresma, o que era em favor da humanidade uma especie de compensação da lei que impedia o casamento tambem durante este santo periodo.

Se se prestar attenção ao modo por que se escreve *quaresma*, talvez que seja possivel reconhecer-se que esta palavra é tão sómente a abbreviação de *quadragesima*.

Antes do seculo V a quaresma era apenas de trinta e seis dias. Mas, depois d'essa epocha, só a egreja de Milão é que conservou o antigo uso.

SCIENCIA POPULAR

OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

(Conclusão. Vid. pag. 391)

IX

Os hesperiides são o ultimo grupo dos lepidopteros diurnos, e pelos seus caracteres e feições já se approximam muito dos nocturnos, e afastam-se de um modo notavel dos tres grupos que havemos estudado.

São estes lepidopteros de corpo espesso e cheio, cabeça grande, forte e achatada, antennas intumecidas terminalmente, formando uma especie de focinho, ás vezes recurvado e adunco, á similhança de uma garra. As extremidades são bem desenvolvidas, maiormente as posteriores, e cada uma das pernas tem dois pares de espinhos. As azas são pequenas, e as côres são em geral pardacentas ou fouveiras.

Linneo classificou os hesperiides juntamente com os plebeus, de que acima tratámos, e Geoffroy denominou-os *estropiados*, attendendo ao seu andar pesado e tardo.

Grande distancia vae d'estes nomes ao que a sciencia moderna lhes dá. Entre um estropiado (perdoe-se a phrase, attendendo ao nome do grande naturalista francez que a empregou) e um habitante do afortunado jardim das hesperides cava-se um abysmo.

Tanto póde, porém, o capricho e a imaginativa, ás vezes desregrada, dos sabios, que quando se deitam á poesia é com unhas e dentes, e deixam-n'a esfarrapada de vez.

Estes lepidopteros tem um vôo irregular, saltitante, lento, e como que humilde e envergonhado. Houve um poeta que da sua *ella* dizia que, sem ter azas, parecia voar; pois dos pobres hesperiides póde dizer-se o contrario, que, com azas, mal sabem voar.

Escolhem elles, por se conhecerem, logares escusos e ermos, retiros sombrios e nemorosos, sebes afastadas no emmaranhado das florestas.

Nascidos para a claridade do dia, para a grande e eterna festa da luz e da vida, para o banquete perenne, de que o sol é o Amphytrião opulento e generoso, eil-os lá vão humildar-se na semi-escuridade, fugindo dos rumores festivos, dos susurros alegres, d'esse concerto vital, que em presença do planeta-rei se expande em harmonias grandiosas no immenso theatro da creação terrestre.

Nem só, porém, no estado adulto, na ultima metamorphose, differem os hesperiides dos seus congeneres e parentes diurnos.

No primeiro estado, estas dissimilhanças não são em menor grau. O aspecto das lagartas com os seus movimentos arrebatados e soltos, com o seu corpo tenue e alongado, cabeça grossa e redonda, é totalmente diverso.

Fel-os a natureza diurnos, e, comtudo, não lidam senão em furtar-se á claridade. Vivendo em perpetua antinomia entre o instincto e o meio, escondem-se na nervura média de uma folha e soldam os bordos extremos. Quando estão prestes a soffrerem a metamorphose, dispõem com todo o esmero a retirada, e fixam, como todos os diurnos, o corpo pela extremidade, enlaçando-se ainda com um certo numero de fios entrelaçados.

As crysalidas resultantes são estreitas, compridas e angulosas.

Os hesperiides foram divididos, posto que artificialmente, em muitos generos parecidos e pouco distinctos.

Na America abundam os eudames, e algumas especies encontram-se nas regiões meridionaes da America do norte.

O sr. Agassiz, um dos naturalistas de maior nomeada que hoje cultivam a sciencia, estudou as metamorphoses do eudame tityro.

As hesperies européas são muito pequenas.

Denominam-se pamphilios os insectos hesperides que comprazem na espessura. O seu corpo é breve, e as antennas, com quanto tenham maça ovalar, não terminam em unha.

O insecto denominado hesperie espelho póde ser tomado como typo. A borboleta é de um pardo escuro na parte superior, manchado mais ou menos de amarello, conforme o sexo é feminino ou masculino. Em ambos os sexos são as azas posteriores ornadas inferiormente de manchas esbranquiçadas arraiadas de pardo, que parecem outros tantos espelhos. D'esta particularidade lhes vem o nome vulgar.

O espelho vôa nas grandes florestas durante os mezes de junho e julho.

A lagarta acha-se na primavera nas gramineas. De côr verde, analoga á da herva de que se alimenta, é difficil de encontrar-se.

Ha outra especie bastante commum, denominada pelos antigos entomologistas xadrez, em virtude da apparencia das azas.

As hesperies propriamente ditas são robustas e tem as antennas terminadas em unha. Todas as especies tem as azas córadas uniformemente de um fulvo cortado ás vezes por linhas negras.

Ha algumas especies cujas azas são afestoadas de pardo e azebradas de negro e pardo. A *grisette* é o typo mais formoso e conhecido d'estas especies, e vive nas malvas, althéas, em geral nas plantas do genero *geraneum*.

Taes são as especies principaes dos insectos hesperideos, que formam a linha de transição dos diurnos para os nocturnos [1].

. . . .

Falta-nos espaço para tratar com mais alguma largueza d'este interessantissimo capitulo da historia natural.

Em estudos especiaes, como são estes, é necessario temperar as dóses para não enfastiar os leitores, cujo appetite depressa se embota. Deve a sciencia ser dada com todo o cuidado e disfarçada quanto ser possa, sem que o rigor e a verdade padeçam a menor quebra.

Esta é a indole especial do *Archivo Pittoresco*, que implicitamente tomou a conhecida e já agora quasi estafada, posto que cada vez menos comprehendida, divisa do poeta do bom senso: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.*

Conhecer e estudar a natureza é não só um dos melhores e mais poderosos meios de perfeição e riqueza, um dos caminhos para o seio do Creador, senão tambem a maior, a mais consoladora, a mais pura e intensa fruição do homem.

Seguir passo a passo a vida em todas as suas manifestações, aqui esplendidas, ricas, formosas, cheias

[1] Foram estes artigos substancial e quasi integralmente extrahidos do curso do sr. Blanchard. Outros muitos livros poderiamos citar; são, porém, tão conhecidos, que achámos inutil fazel-o.

de galas e frescor, á luz do sol; além, nas trevas, na humida toca, no reconcavo do rochedo, nas entranhas da terra, nos seios profundos do mar, que mais sublime prazer, que gozo mais para procurar?

E depois, não contente com este observar minucioso, com este concatenar harmonioso dos seres, com esta mutua dependencia de tudo o que foi creado, ascender aos ingentes problemas da creação, assistir pelo pensamento ao genesis dos mundos, ver as espheras rolarem impellidas pela mão omnipotente, sentir o primeiro bafo creador nas eclusões primitivas, no desabrochar das especies, nos individuos, na formação dos alicerces que hoje sustentam, após tantos seculos, o admiravel edificio da natureza! Por isso o pantheismo foi sempre a religião primitiva, a religião nativa e espontanea de todos os seres, o preceito inabalavel de todas as civilisações.

Observae a natureza, diziam outr'ora os inspirados genios que floresceram nas primeiras edades.

Lêde os velhos livros, estudae todos os monumentos que nos legaram essas edades legendarias, que nós mal podêmos calcular.

Vereis sempre esta maxima traduzida por modos diversos. O *modus faciendi* variava com os homens. O principio todos o acceitavam.

Pois o que aconselharam os fundadores dos antigos povos é ainda o que a sciencia moderna segue á risca e sem discrepancia, e é o que a todos incumbe fazer.

Hoje, mais do que nunca, se obsêrva a natureza em todos os seus reconditos e arcanos.

Todos os phenomenos, por fugazes e ephemeros, são analysados, discutidos, classificados em cada uma das suas partes e circumstancias.

Se a natureza é por si um systema completo, um todo harmonico, todas as suas partes são homologas e ligadas por forças sympathicas.

D'este principio profundamente philosophico nasceram os progressos da sciencia que hoje admirâmos e nos enriquecem.

O *Archivo Pittoresco* tomou, como já dissemos, sempre a peito apostolar o estudo da natureza, repositorio eterno, fonte perennal de toda a poesia e de todas as utilidades. A esse intento são devidos os artigos de sciencia popular que quotidianamente vae publicando.

Na Allemanha principalmente, e na França, Italia e Inglaterra, abundam publicações destinadas a inocular o gosto pelos estudos da natureza. Nós vamos ainda muito atrazados. Haverá por ahi portuguez serio que não deitaria a correr atraz de uma borboleta, com receio de comprometter a graveza e seriedade do porte.

E, comtudo, que thesouros não encerra o insecto alado que revôa pelas campinas! Pois se tão ricas e opulentas são as borboletas, o que não serão todas as outras manifestações da energia potencial?

A. Osorio de Vasconcellos.



Mar Morto

O MAR MORTO

Ha na Palestina um lago de tal vastidão, que é geralmente conhecido pelo nome de *mar Morto*. Dão-lhe jus a similhante titulo, por um lado 100 kilometros que conta de comprimento e 50 de largura; e por outro lado a immobilidade das suas aguas, que apenas se agitam um pouco por occasião das grandes tempestades. Fóra d'isso conservam inalteravel a sua tranquillidade, como o mais pequeno lago, abrigado por altas montanhas. A sua fórma é quasi oval, e cercam-n'o duas serras e uma extensa planicie que as separa. Nove rios se lançam n'elle e o alimentam, dois caudalosos, e os restantes menos importantes. Aquelles são o *rio Jordão*, em que o *Precursor* baptisou a Jesus Christo, e o *rio Arnon*.

Tem dado assumpto este lago para a historia sagrada e profana, para as sciencias, e até para os contos de prodigiosas maravilhas e extravagantes fabulas.

Junto ás suas margens executou a justiça divina exemplar castigo, abrazando e destruindo com os fogos do ceo as cidades de Sodoma e Gomorrha, manchadas de crimes nefandos. Tambem perto d'essas

margens se ergue o monte Nebo, onde expirou Moysés, o escolhido de Deus para livrar os hebreus da escravidão. E n'esse monte, dizem, está a sua sepultura.

É fama em toda a Syria que as aguas do mar Morto tem a singular propriedade de fazer sobrenadar qualquer corpo que n'ellas cáia ou se lance, impedindo ao proprio homem mergulhar-se. Dizem que nas suas cercanias se encontram umas arvores cujos fructos, ostentando todos os encantos e seducções da formosura, encerram apenas cinzas. Conta-se que são tão pestilentas as exhalações que se levantam da superficie d'este mar, que todas as aves que tentam passar sobre elle caem e morrem subitamente; e que nem peixes, nem outro qualquer animal, podem viver no seu seio. Os habitantes das regiões circunvisinhas affirmam que junto ás suas praias se vê a mulher de Loth convertida em estatua de sal.

Fariamos, em fim, um longo artigo se mencionassemos todos os factos historicos que tiveram por theatro as margens d'este mar; todas as questões scientificas, bem como todas as fabulas e superstições a que o mesmo mar tem dado origem.

Não tem sido unicamente os povos rudes da Palestina os inventores e propaladores de similhantes absurdos. Tambem diversos viajantes europeus concorreram para que algumas d'essas fabulas tivessem corpo e voga. Entretanto, através das suas narrações maravilhosas, encontram-se algumas noticias que, sendo tidas outr'ora na conta de inverosimeis, agora se acceitam como verdadeiras. Se não é inteirameste exacto que todos os corpos lançados n'aquelle mar sobrenadem, sem que lhes seja possivel margulharem, é certo, todavia, que um homem póde, sem esforço algum, suster-se na superficie das aguas. Esforçando-se, poderá mergulhar-se um pouco, mas não profundar muito.

Do mesmo modo se acha uma particula de verdade na tradição que dá cinzas por polpa a um fructo.

Chateaubriand, que visitou aquellas regiões com olhos de philosopho, e que as descreveu com penna de poeta, julgou achar o pretendido fructo da tradição popular. «O arbusto que o cria, diz o grande poeta do christianismo, nasce e cresce por todos os lados a duas ou tres legoas da foz do Jordão. É espinhoso, e tem as folhas pequenas e estreitas. Assimilha-se muito ao arbusto descripto por Amman. O fructo é muito parecido, tanto na fórma como na côr, ao pequeno limão do Egypto. Em quanto não está maduro é cheio de um sumo salgado e corrosivo. Quando está maduro contém umas sementes de côr escura, que se podem comparar a cinzas, e cujo sabor é quasi como o da pimenta amarga.»

Deu, com effeito, materia para larga controversia entre os naturalistas a questão de ter ou não peixes o mar Morto. Hoje não admitte dúvidas o assumpto; pois está provado que possue algum pescado, embora de especies pequenas, pouco numerosas, e de tão desagradavel sabor, que mal podem servir para alimento dos homens. Tambem encerra alguns mariscos, de que se encontram conchas na praia.

São as aguas d'este mar mui acres e amargosas. Tomadas na boca produzem na lingua um effeito corrosivo como o do alumen. Não são menos salgadas que as do Oceano.

Rara vegetação se vê nas proximidades das suas margens, cujos terrenos e rochas são cobertos de uma crusta esbranquiçada muito parecida com a geada. Todavia, as margens d'este mar tem sido até ao presente mal exploradas, tanto pela difficuldade que encontram os viajantes em obterem guias, em razão das superstições do povo; como por causa dos frequentes accommettimentos das tribus nomadas, que roubam os viajantes, e não poucas vezes os assassinam.

A este mar chamam os indigenas *Bahar-Loth*. Alguns geographos denominam-n'o *lago Asphaltico*, por se achar nas suas margens quantidade de asphalto.

I. DE VILHENA BARBOSA.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Conclusão. Vid. pag. 403)

XVII

O AQUEDUCTO

O aqueducto, que fornecia de agua todas as officinas do convento, abastecendo a cêrca da que era necessaria para rega da horta e pomares, é uma obra sumptuosa, um verdadeiro monumento n'este genero de construcções. Depois do aqueducto das Aguas Livres nenhum outro no reino póde competir com elle em riqueza e solidez de construcção, e em belleza e magestade de architectura. Recebe dois copiosos mananciaes de excellente agua, que conduz da distancia de quasi 5 kilometros, correndo ora subterraneo, ora sobre arcadas. Duas galerias de arcos lhe dão passagem, qual d'ellas mais esbelta e mais linda. Uma atravessa um valle no sitio denominado os Pegões, a 2 kilometros do convento, pouco mais ou menos. A outra é contigua ao convento. A primeira, toda construida de cantaria mui bem lavrada, é uma fabrica ousada e monumental. Consta de duas ordens de arcos de extraordinaria altura. Faz coroa aos do centro um elegante pavilhão que serve de arca d'agua, no qual está gravada em grandes caracteres uma inscripção, que declara que foi começado este aqueducto por el-rei D. Filippe II de Castella no anno de 1595, e concluido por seu filho, D. Filippe III, em 1613. A segunda tem começo em uma collina perto do convento, e, chegando a este, corre encostada á frontaria, que deita para a cêrca, do modo que se vê na gravura a pag. 249. Consta esta galeria de uma só ordem de arcos, que, não obstante terem muito menos elevação que os dos Pegões, são bastantemente altos, pois que acompanham a dita frontaria em toda a sua altura, que é grande, ficando desafogadas nos vãos dos arcos as janellas e frestas dos tres pavimentos, e servindo de remate e adorno ao edificio do convento a cimalha do aqueducto, guarnecida de pyramides com a cruz da ordem de Christo.

XVIII

A CÊRCA

É grande e toda murada a cêrca do convento. Compõe-se de um valle e diversas collinas. O valle tem pouca largura e bastante declive para o lado da cidade de Thomar, junto á qual vae fenecer. Dão-lhe muita frescura, e, por conseguinte, muito viço e amenidade, as aguas que n'elle vertem das encostas visinhas. Esta abundancia de mananciaes e a boa qualidade do terreno fazem o valle fertilissimo, assim como o fazem mui formoso variadas especies de arvores corpolentas, umas orlando-lhe as bordas, outras assombrando-lhe o centro.

As collinas são sete, e com differente altura vão cercando o valle, deixando-o aberto e com mais largueza para onde tem o seu pendor. Sobre as collinas da parte do norte campeiam senhoril e gentilmente, em extensa linha horisontal, o castello, os paços do infante D. Henrique e da rainha D. Catharina, a egreja, o convento e o aqueducto. As collinas, divididas entre si, afóra o valle, por quebradas pouco profundas, constituem a parte principal da cêrca, infelizmente para o proprietario, por quanto, além de ser difficil e dispendioso o amanho, são pobres os terre-

nos e faltos da agua que abunda no valle. Não se cuide, porém, que são montes aridos e escalvados, cobrindo-se de vegetação apenas no inverno e primavera. Em umas partes estão povoadas as collinas de oliveiras e diversidade de arvores fructiferas; n'outras partes toucam-se de arvoredo sylvestre, basto e frondoso, e de variadas especies.

Em um angulo extremo da cêrca, em logar um pouco elevado, está um grande e profundo tanque, formado por grossas paredes, que rematam em amplo passeio de lagedo. Foi construido conjuntamente com o aqueducto, que lhe fica superior, e era destinado para deposito de agua, que recebia d'este, e servia para rega d'essa parte da cêrca. Ao presente não tem serventia este bello tanque, porque o manancial que o aqueducto conduz acha-se tão reduzido por extravio das aguas, que mal chega para acudir á rega dos pomares, horta e jardim, na outra parte da mesma cêrca.

No valle existe uma outra obra de arte, que deveria ter bastante belleza nos seus tempos prosperos. É uma casa de fresco, ou de regalo, na fórma de um pavilhão circular em arcadas, coberto com sua cúpula de abobada, e edificado no meio de um tanque, a que fazem cercadura e sombra diversas qualidades de arvores e arbustos. É sitio no verão summamente aprazivel.

Das differentes alturas d'esta cêrca desfructam-se variadissimas perspectivas, tão encantadoras quão grandiosas e pittorescas.

Já dissemos em outro logar que esta cêrca pertence ao sr. conde de Thomar.

Seguindo o mesmo systema que traçáramos para a descripção do convento e egreja da Batalha, era o nosso proposito rematar esta serie de artigos sobre Thomar com um capitulo dedicado aos artistas que trabalharam no edificio monumental das ordens do Templo e de Christo, de que temos noticia. Faltando-nos, porém, absolutamente o espaço, vemo-nos obrigados a deixar esta tarefa para occasião opportuna em o seguinte volume.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AS CABELLEIRAS

Em que epocha foi inventada a cabelleira? É o que se não póde dizer com certeza. Menos antiga que o homem, a cabelleira não existia nos primitivos tempos. Na biblia, onde se trata repetidamente de cabellos, já a proposito de Sansão, já a proposito de outros personagens, não se falla de cabelleiras.

Não se trata egualmente de cabelleiras nem em Hesiodo, nem em Pindaro, nem em Homero, que entra em muitas particularidades, quer para vestir, quer para despir os que figuram na *Illiada*. O principe da epopéa, onde os heroes se agarram muitas vezes pelos cabellos, não deixaria de fallar na cabelleira de Nestor, ou nas madeixas de Páris, se, no cêrco de Troia, alguma boa cabeça as tivesse usado postiças.

Inventada tres ou quatro mil annos antes, a cabelleira tornar-se-hia tão épica hoje como Agamemnon, e teria ainda mais heroismo que um Nuno Alvares Pereira.

Os romanos conheceram o uso dos cabellos postiços, como se infere de algumas passagens de Ovidio.

Mas a prova de que a cabelleira não era conhecida de Roma antiga, é que Cesar foi obrigado a esconder sob uma coroa de loiros a nudez da sua cabeça victoriosa. Poucos homens teriam tanto direito como elle a usar tal cabelleira.

A palavra *Cesar* originou acaso o vocabulo *cæsaries*, que quer dizer cabelleira, e não parece ter sido empregado anteriormente a Virgilio? Sería bem singular que um calvo désse o seu nome exactamente á coisa que lhe faltava. Os doutos devem resolver este ponto, se a etymologia que fica proposta se lhes figurar muito presa pelos cabellos.

Se os romanos não conheciam a arte de fazer cabelleiras, possuiam quando menos a arte de pentear, frisar, perfumar as madeixas e cômas, e até sabiam tingil-as. Conta-se que tendo um homem de alvas cãs baldadamente implorado um favor de Augusto, mandára tingir os cabellos de preto, e, assim remoçado, renovára o pedido.

— Não posso fazer-lhe o que me pede, respondeu Augusto, que se não illudíra com o artificio, porque já recusei egual graça a seu pae.

Na historia da edade média, a cabelleira não figura como usança franceza. A sua invenção, pois, que, como a da polvora e da imprensa, devia illustrar o reinado dos Capetos, não appareceu no tempo de S. Luiz, que os cabelleireiros tomaram como padroeiro, não sabemos por quê. Nunca se viu até cabeça humana, ou cabeça coroada, que estivesse menos em contacto com os ditos artistas. O piedoso rei não os conhecia. As funcções de Pedro Labrosse, seu criado particular ou barbeiro, limitavam-se a cortar exactamente a parte dos cabellos que excediam a especie de solidéo com que S. Luiz cobria a cabeça para se prestar a esta operação.

Foi no começo do seculo XVII que appareceu em França, como capricho da moda, a primeira cabelleira, e desde então o seu uso se tornou, para assim dizer, geral na Europa. Mas no reinado de Luiz o Grande, o cabelleireiro tambem assumiu o caracter *grandioso* com que este principe soube levantar o seu seculo. A cabelleira tomou, com effeito, então enormes proporções. Acreditando, porém, em certos maledicentes da epocha, não fôra só o desejo de engrandecer o que já achára creado que levára Luiz XIV a augmentar prodigiosamente a cabelleira, mas tambem a necessidade de esconder um lobinho, que considerava como grande deformidade na sua augusta pessoa.

A cabelleira coroou a fronte de todos os soberanos d'aquella epocha, exceptuando Cromwell. O proprio Guilherme III curvou a cabeça sób a cabelleira do principe, ante o qual não quizera nunca humilhar-se.

Á systematica uniformidade e ás grandiosas proporções da cabelleira seguiu-se, muitos annos depois, tal e tão prodigiosa variedade, que, se se quizesse fazer hoje uma relação exacta dos nomes adoptados para os diversos e engenhosos penteados das cabelleiras, incorrer-se-hia nas mais graves faltas. Foi tambem n'esta epocha que se começaram a usar os pós com que ao mesmo tempo se transformavam em cabellos brancos os cabellos pretos, loiros e castanhos.

Diz-se que um apurado cabelleireiro que se dera ao trabalho de classificar os objectos com algum methodo e seguira um systema philosophico, e que sería então para a sua arte o que os Tournefort, os Jussieu, os Linneo, os Brotero são para a botanica, contava, meiado o seculo XVIII, não sabemos quantas especies differentes de cabelleiras, de que elle descrevia os caracteres com uma exactidão digna de um membro da classe das sciencias physicas e mathematicas de qualquer academia.

A cabelleira era n'esse tempo uma especie de taboleta ou rotulo: indicava o homem. Bastava olhar para ella para se saber a qualidade da pessoa que a trazia. Cada classe e cada profissão tinha a sua cabelleira. A que usava o juiz differençava-se da que ajustava na cabeça do official general; e a que o sapateiro comprava não era a que servia para o alfaiate. A cabelleira era de grande utilidade para as pessoas que desejavam saber á primeira vista com quem estavam tratando, ou na companhia de quem se encontravam.

O uso da cabelleira foi por muito tempo prohibido aos ecclesiasticos. Alguns, que se atreveram a usal-a sem licença prévia, foram fulminados com a censura dos prelados. A prohibição caiu, porém, em desuso.

A cabelleira é tambem um movel util para os que principalmente querem occultar a edade.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio